

## O OLIVAL NO ALENTEJO



Aníbal Martins

Administrador da CONFAGRI e Presidente da FENAZEITES

Sendo verdade que na década de 50, no séc. passado, Portugal chegou a produzir 120.000 Ton. de azeite, só em 2017 conseguimos atingir novamente esse patamar, recuperando-se do atraso em que o setor tinha mergulhado durante décadas. Em 2018/19 apenas se produziram cerca de 98.000 Tons de azeite.

Este evoluir da produção nacional deve-se aos olivais regados e modernos. Uma realidade e um sucesso em todos os pontos de vista. Desde o da utilização eficaz do regadio de Alqueva, à produção de um alimento de excelência e benéfico para a saúde humana, através de uma cultura autóctone, sem recurso a espécies vegetais não originárias do nosso clima, sendo por isso muito menos utilizadora de água e de todos os outros fatores de produção.

Mudou e evoluiu o modo de produzir. Utilizamos no Alentejo a mais elevada tecnologia desde a plantação ao manejo do olival e colheita, aos mais modernos e evolutivos lagares, até mesmo a mais avançada técnica de laboração dos subprodutos, não poluindo ar e águas. O setor ibérico assistirá nesta área, a muito curto prazo, a investimentos inovadores em tecnologia de tratamento de efluentes líquidos e gasosos, garantindo a sua sustentabilidade ambiental.

Temos, porém, o olival tradicional em todo o país, do Algarve a Trás-os-Montes, que necessita urgentemente de apoios excecionais para a sua manutenção, sob pena de brevemente assistirmos à sua extinção, com o conseqüente impacto ambiental negativo. Todo o setor cooperativo está preocupado e atento a evoluir desta situação.

Mas temos também olivais em sebe, ou em copa de árvore com densidades apropriadas e definidas em consonância com a verdadeira componente ambiental. A biodiversidade sustentada pelo novo olival, assim o atesta. Desde a aplicação dos mais estritos controlos das Medidas Agro-Ambientais presentes na prática na totalidade destes olivais, sempre dentro da Produção Integrada e do Uso Eficiente da Água. A falácia da

monocultura, propalada por quem tem com a Natureza uma relação voyeurista, já a ouvíamos quando, os mesmos falavam da monocultura do trigo... Como afirmou Voltaire: "É difícil libertar os tolos das correntes que eles veneram". Temos no Alentejo, um sector, uma fileira de ponta, evoluídos técnica, económica e ambientalmente sustentável, apesar das vozes que, pelo poluidor ruído, se ouvem.

A oliveira é uma planta que define com rigor o clima mediterrânico, indígena desta área do globo que inclui Portugal (M.Feio, Clima e Agricultura). Uma cultura em regadio, onde o fator água é muito racionalizado, pois o risco de rega excessiva é limitante. Além de produzir a mais saudável das gorduras alimentares, está o azeite, sujeito aos mais rigorosos controlos de resíduos tóxicos, tornando impossível a sua comercialização se estivessem presentes.

Esta é uma cultura que deveria ser alvo da mais acérrima defesa por parte da política ambientalista, não acontecendo, certamente, por interesses e oportunistas a ela ligados. Digam-nos com base científica assegurada o que pretendem. Os agricultores são de fazer e construir. "Não podemos mudar o vento, mas podemos ajustar as velas do barco..." ●